

Os parasitas machadianos

Fabian Piñeyro

Faculdade Pio Décimo-Aracaju

Jacqueline Ramos

Universidade Federal de Sergipe-Itabaiana

Recebido em 05/10/2018

Aprovado em 01/11/2018

“O Parasita I” e “O Parasita II” são as duas crônicas de Machado de Assis traduzidas para o espanhol por Fabian Piñeyro e que foram experimentadas em um minicurso ministrado por mim na Universidad Nacional de La Plata, no Centro de Estudos Helênicos, onde desenvolvi minha pesquisa de pós doutorado, no ano de 2018, ocasião em que me dediquei ao estudo da sátira menipeia e da tradição luciânica.

A sátira menipeia constitui-se de uma longa tradição que remonta a Menipo de Gadara, filósofo cínico e escritor sarcástico e burlesco que existiu por volta da primeira metade do século III a.C. Suas obras estão todas perdidas, mas conhecemos em parte seu estilo e temas a partir de dois escritores antigos que ligam explicitamente suas obras a Menipo: Varro e Luciano, este último escreveu vários diálogos em que Menipo figura como personagem. Luciano de Samosata foi um sírio helenizado que viveu no século II d.C. e que exerceu grande influência no ocidente a partir do Renascimento em autores como Erasmo, Rabelais, Sterne, Cervantes, Swift, L. Carrol, James Joyce e o nosso Machado de Assis.

A presença dessa tradição no estilo de Machado de Assis já foi percebida pela crítica em seus romances e contos, mas pouco notada nas crônicas. Machado publicou mais de 400 crônicas durante cerca de 40 anos de engajamento na jovem imprensa brasileira, contribuindo fortemente para a consolidação desse novo gênero que nasce com o jornal. Aliás, é no jornal que se inicia sua carreira de escritor, Machado publica crônicas, poemas, crítica literária e teatral, contos, até mesmo romances em folhetins. Boa parte da obra machadiana só conhece o formato livro depois de passar pelo jornal.

É marcante na tradição luciânica o ponto de vista distanciado, o diálogo direto com o leitor, o recurso à paródia, o humor e a ironia na configuração de uma perspectiva cética, que conjuga comicidade e filosofia. Tal perspectiva, já identificada em contos e romances de Machado, são percebidas também em suas crônicas. E, além desses recursos discursivos, no caso das crônicas ora traduzidas, o lucianismo se faz presente também no tema do parasitismo retomado por Machado. Já em 1859, bem antes de *Memórias póstumas de Brás Cubas* que é de 1881, Machado revisita *O parasita* de Luciano em cinco crônicas, publicadas na revista *O espelho*: “O fanqueiro literário”, “Parasita I”, “Parasita II”, “O empregado público aposentado” e “O folhetinista”. Os parasitas de Machado ampliam o parasita da mesa de Luciano por meio daquela contaminação irônica de que nos fala Jacyntho Lins Brandão em “A Grécia de Machado de Assis”. Machado escreve nos silêncios, nas lacunas deixadas por Luciano, desvelando a propagação dessa “praga” e reafirmando, assim, sua postura cética e desabusada. Machado vai desdobrar

o parasita de Luciano em diferentes espécies, logo no início de “O Parasita I” alerta: “O mais vulgar e o mais conhecido [parasita] é o da mesa; mas há-os também em literatura, em política e na igreja. É praga antiga, e raça cuja origem se prende à noite dos tempos, como diria qualquer historiador *en herbe*”. Ao final da crônica, conclui: “Aqui é o parasita do corpo, os outros são os do espírito e da consciência; - aqui são os epicuristas à custa alheia, os outros são as nulidades intelectuais que se agarram à primeira tela de propriedades suculentas que lhe vai ao encontro”.

Por um lado, Simão, o parasita de Luciano, que prega a liberdade e a ausência de sofrimento através da arte do parasitismo, num texto ironicamente composto ao modo dos diálogos platônicos, expõe a postura epicurista da felicidade como fim natural do homem. O anfitrião de Simão, ao final, vira seu discípulo. Menos “elevado”, o parasita da mesa de Machado parece preso ao contingente, mais premido, sem inverter as posições, mantém-se por meio de uma relação de troca. Pensemos na ironia da expressão “os epicuristas à custa alheia”, que já pressupõe um desvio e uma contraposição – epicuristas *verus* aproveitadores. Aqui, então, o que temos não são epicuristas, são farsantes: se passam por epicuristas como estratégia de acesso, circulação e sobrevivência em camadas mais privilegiadas da sociedade. Tanto é que a crônica de Machado se atém a descrever as estratégias e métodos do parasita em seu trânsito social; enquanto que em Luciano é o *modus operandi* filosófico, o próprio epicurismo e os valores sociais que são colocados em xeque. Em Machado, o parasita se adapta àquela sociedade carioca alicerçada nas aparências e em relações mercantis. Nada da altivez do parasita luciânico, aqui o parasita é degradado e, mesmo diante do desmascaramento, não perde a pose.

Perspectiva e tema estão implicados na retomada do parasita da mesa tratado nessa crônica, que já anuncia os outros tipos de parasitas, os das “nulidades intelectuais”: o parasita literário, o eclesiástico, o político e o folhetinista. Uma verdadeira propagação de parasitas, a “praga antiga” muito bem adaptada à sociedade burguesa - terreno fértil. Enfim, não é só nesse conjunto de crônicas, cuja intertextualidade com Luciano é explícita, que se percebe a incorporação da tradição luciânica, mas nas crônicas em geral, que mantém essa postura irônica e dialógica, com um humor provocativo, menos preocupado em moralizar que dar a ver, desvelar... e rir da ridícula condição humana.

O manejo que Machado faz dessa tradição participa do modo de ver, da instância enunciativa, dessa perspectiva dialógica, irônica que culmina em um humor cético. Aspectos bem trabalhados na tradução dessas crônicas para o espanhol por Fabian Piñeyro, argentino, professor de língua e literatura espanhola, radicado há muito no Brasil e apreciador de Machado. Tradução que ganha muito com a intimidade de Fabian com ambos idiomas e culturas.

O PARASITA

I

Sabem de uma certa erva, que desdenha a terra para enroscar-se, identificar-se com as altas árvores? É a parasita.

Ora, a sociedade, que tem mais de uma afinidade com as florestas, não podia deixar de ter em si uma porção, ainda que pequena de parasitas. Pois tem, e tão perfeita, tão igual, que nem mesmo mudou de nome.

É uma longa e curiosa família, a dos parasitas sociais; e fora difícil assinalar na estreita esfera das aquarelas – uma relação sinótica das diferentes variedades do tipo. Antes sobre a torre, agarro apenas na passagem as mais salientes e não vou mergulhar-me no fundo e em todos os recantos do oceano social.

Há, como disse, diferentes espécies de parasitas.

O mais vulgar e o mais conhecido é o da mesa; mas há-os também em literatura, em política e na igreja. É praga antiga, e raça cuja origem se prende à noite dos tempos, como diria qualquer historiador *en herbe*. Da Índia, essa avó das nações, como diz um escritor moderno, são poucas as noções a respeito; e não posso marcar aqui com precisão o desenvolvimento dessa casta curiosa no velho país. Em Roma, onde lemos como num livro, já Horácio comia as sopas de Mecenas, e banqueteara alegremente no *triclinium*. É verdade que lhe pagava em longa poesia; mas, nesse tempo, como ainda hoje, a poesia não era ouro em pó, e este é grande estrofe de todos os tempos.

Mas, tréguas à história.

Tenho aqui como alvo esboçar em traços ligeiros as formas mais proeminentes da individualidade; entremos pois no estudo – sem mais preâmbulo.

Devo começar pelo parasita da mesa, o mais vulgar? Há talvez pouco a dizer – mas esse pouco mesmo revela altamente os traços arrojados desta fisionomia social.

Debalde se procuraria conhecer as regiões mais adaptadas à economia vital deste animal perigoso. Inútil. Ele vive por toda parte em que há ambiente de porco assado.

Também é aí onde ele desenvolve melhor todas as suas faculdades; – onde se sente a *son aise*, como diria qualquer label encadernado em paletó de inverno.

Perfeito parasita deve ser perfeito gastrônomo; mesmo quando não goze esta faculdade por vocação do berço, é um resultado da prática, pela razão de que o *uso do cachimbo faz a boca torta*.

Assim, o parasita jubilado, o bom parasita, está muito acima dos outros animais. Olfato delicado, adivinha a duas léguas de distância a qualidade de um bom prato; paladar suscetível, – sabe absorver com todas as regras de arte – e não educa o seu estômago como qualquer aldeão.

E como não ser assim, se ele não tem outro cuidado nesta vida? e se os limites da mesa redonda são os horizontes das suas aspirações?

É curioso vê-lo na mesa, mas não menos curioso é vê-lo nas horas que precedem às seções gastronômicas. Entra em uma casa ou por costume ou *per accidens*, o que aqui quer dizer intenção formada com todas as circunstâncias agravantes da premeditação, e superioridade das armas. Mas suponhamos que vai a uma casa por costume.

Ei-lo que entra, riso nos lábios, chapéu na mão, o vácuo no estômago. O dono da casa, a quem já fatiga aquela visita diária, saúda-o constrangido e com um riso amarelo. Mas isso não é decepção; tão pouco não desarma um bravo daquela ordem. Senta-se e começa a relatar notícias do dia, entremeadas de algumas da própria lavra, e curiosas – a atrair a feição vacilante do hóspede. Daqui um criado que vem dar o sinal de combate. É o alvo a que visava o alarme, e ei-lo que vai imediatamente pagar-se de uma tarefa de almanaque, tão custosamente exercida.

Se porém ele entra *per accidens*, não é menos curiosa a cena. Começa por um pretexto que deve lisonjear as pessoas da casa conforme os seus fracos. Assim, se há aí um autor dramático, o pretexto é dar um parabéns sobre a última peça representada dias antes. Sobre este molde, tudo o mais.

EL PARÁSITO

I

¿Saben de una cierta hierba que desdeña la tierra para enroscarse, identificarse con los altos árboles? Es el parásito.

Claro, la sociedad, que tiene más de una afinidad con los bosques, no podía dejar de contener una porción, aunque pequeña, de parásitos. Y la tiene, y tan perfecta, tan igual, que ni siquiera el nombre ha cambiado.

Es una grande y curiosa familia, la de los parásitos sociales; y sería difícil apuntar en la estrecha esfera de las aquarelas – una relación sinótica de las diferentes variedades del tipo. Antes, desde la torre, escojo apenas al pasar las más salientes, sin zambullirme en el fondo ni en todos los rincones del océano social.

Hay, como dije, diferentes especies de parásitos.

El más vulgar y el más conocido es el de la mesa; pero los hay también en literatura, en política y en la iglesia. Es una plaga antigua, y especie cuyo origen se agarra a la noche de los tiempos, como diría cualquier historiador *en herbe*. De la India, esa abuela de las naciones, como dice un escritor moderno, son pocas las nociones al respecto; y no puedo marcar aquí con precisión el desarrollo de esa casta curiosa en ese viejo país. En Roma, donde leemos como en un libro, ya Horacio comía las sopas de Mecenas, y banqueteara alegremente en el *triclinium*. Es verdad que le pagaba con gran poesía; pero, en ese tiempo, como aún hoy, la poesía no era oro en polvo, y esta es fran estrofa de todos los tiempos.

Pero dejemos la historia.

Tengo aquí como diana esbozar en trazos ligeros las formas más prominentes de la individualidad.; entremos pues en el estudio – sin más preâmbulo.

¿Debo empezar por el parásito de la mesa, el más vulgar? Hay tal vez poco para decir – pero ese poco aun revela sobremanera los rasgos arrojados de esa fisonomía social.

De balde se buscaría conocer las regiones más adaptadas a la economía vital de este animal peligroso. Inútil. Él vive en todas partes donde hay ambiente de cerdo asado.

También es ahí donde él desarrolla mejor todas sus facultades; – donde se siente la *son aise*, como diría cualquier escriba encantado en traje de invierno.

Perfecto parásito debe ser el perfecto gastrônomo; inclusive cuando no goce esta facultad por vocación de la cuna, es un resultado de la práctica, por aquello de que el *uso de la pipa es lo que tuerce la boca*.

Así, el parásito jubilado, el buen parásito, está muy por encima de los otros animales. Olfato delicado, adivina a dos leguas de distancia la calidad de un buen plato; paladar susceptible, - sabe absorber con todas las reglas del arte – y no educa su estómago como cualquier aldeano.

¿Y cómo no ser así, si él no tiene otro cuidado en esta vida? ¿Y si los límites de la mesa redonda son los horizontes de sus aspiraciones?

Es curioso verlo en la mesa, más o menos curioso es verlo en los momentos que preceden a las sesiones gastronómicas. Entra en una casa o por costumbre o *per accidens*, lo que aquí quiere decir intención formada con todas las circunstancias agravantes de la premeditación, y superioridad de las armas. Pero suponamos que a va a una casa por costumbre.

Y es que entra, risa en los labios, sombrero en mano, el vacío en el estómago. El dueño de la casa, a quien ya fatiga aquella visita diaria, lo saluda constreñido y con sonrisa falsa. Pero eso no es decepción; tan poco no desarma un bravo de aquella estirpe. Se sienta y comienza a relatar las noticias del día, entremezcladas con algunas de su propia cosecha, y curiosas – atrayendo la faz vacilante del huésped. Viene un criado a dar la señal de combate. Es el objetivo de su alarma, y que va inmediatamente a hacerse cargo de una tarea cotidiana, tan trabajosamente ejercida.

Si, con todo, él entre *per accidens*, no es menos curiosa la escena. Empieza por un pretexto que debe lisonjear a las personas de casa conforme sus debilidades. Así, si hay allí un autor dramático, el pretexto es felicitarlo por su última pieza representada días antes. Sobre este molde, todo lo demás.

Se às vezes não há um pretexto sério, não trepida ainda o parasita; há sempre um de lado, como substantivo: *saber da saúde do amigo*.

Mas, entra ele; dado o pretexto, senta-se e começa a desenrolar toda a retórica que pode inspirar um estômago vazio, um Jeremias interno. Segue-se depois, pouco mais ou menos, a mesma cena. No fim está sempre como orla de horizonte uma mesa mais ou menos apetitosa, onde a reação se opera largamente.

Há, porém, pequenas desgraças, acidentes inesperados na vida do parasita da mesa.

Entra ele em uma casa onde espera almoçar folgado; – faz as primeiras saudações e vai corar a pílula ao seu caro hóspede. Um certo ranger de dentes, porém, começa a agitá-lo, um ranger particular que indica um estado mais calmo aos estômagos da casa.

Então como vai? Sinto que chegasse agora; se mais cedo viesse, almoçava comigo.

O parasita fica de cara à banda; mas não há remédio; é necessário sair com decência e não dar a entender o fim que o levou ali.

Estas eventualidades, estas pequenas misérias, longe de serem decepções, são como o cheiro da pólvora inimiga para os soldados, um incentivo na ação. É uma índole miserável a desse corpo liviano em que só há animalidade e estômago; mas, entretanto, é necessário aceitar essas criaturas tais como são – para aceitarmos a sociedade tal como ela é. A sociedade não é um grupo de que uma parte devora a outra? Eterno antagonismo das condições humanas.

O parasita da mesa uniformiza o exterior com a importância do hóspede; um cargo elevado pede uma luva de pelica, e uma botina de polimento. À mesa não há ninguém mais atencioso; – e como um conviva alegre, aduba os guisados com punhados de sal mais ou menos saborosos.

É uma retribuição razoável – dar de comer ao espírito de quem dá de comer ao corpo.

Aqui não há desaire, há uma troca recíproca que prova que o parasita tem suscetibilidades em alto grau.

Estes traços, mais ou menos exatos, mais ou menos distintos, dão aqui uma pequena idéia do parasita da mesa; mas esta variedade do tipo é absorvida por outras de uma importância mais alta. Aqui é o parasita do corpo, os outros são os do espírito e da consciência; – aqui são os epicuristas à custa alheia, os outros são as nulidades intelectuais que se agarram à primeira tela de propriedades suculentas que lhe vai ao encontro.

São imperceptíveis talvez estes lineamentos – e acusam a aceleração do pincel; passemos às outras variedades do tipo onde achamos formas mais amplas e proeminências mais distintas.

II

O parasita literário tem os mesmos traços psicológicos do outro parasita, mas não deixa de ter uma afinidade latente com o fanqueiro literário. A única diferença está nos fins, de que se afastam léguas; aquele é porventura mais casto e não tem mira no resultado pecuniário, – que, parece, inspirou o fanqueiro. Justiça seja feita.

A imprensa é a mesa do parasita literário; senta-se a ela com toda a sem-cerimônia; come e distribui pratos com o sangue frio mais alemão deste mundo – diante da paciência pública – que vacila sobre os seus eixos. Um amigo meu define perfeitamente este curioso animal; chama-o *Vieirinha da literatura*. Vieirinha, lembro ao leitor, é aquele personagem que todos têm visto em um drama nosso.

De feito, este parasita é um Vieirinha sem tirar nem pôr; cortesão das letras, cerca-as de cuidados, sem alcançar o menor favor das musas.

Segue-as por toda a parte, mas sem poder tocá-las. Só não sobe ao monte sagrado, porque é uma excursão difícil, e só dada a pés mais de ferro, e a vontades mais sérias. Ali, ficam eles nas fraldas, soltando uma orquestra de gemidos, até que o velho cavalo os vem despedir com uma amabilidade de pata sofriavelmente acerba.

Um coice é sempre uma resposta às suas súplicas... Represália no caso.

Si a veces no hay un pretexto serio, no tiembla todavía el parásito; hay siempre uno disponible, como sustantivo: *saber de la salud del amigo*.

Pero, él entra; dado el pretexto, se sienta y comienza a desenredar toda la retórica que puede inspirar un estómago vacío, un Jeremías interno. Se sigue, después, poco más o menos, la misma escena. Al final, está siempre como borla de horizonte una esa más o menos apetitosa, donde la reacción se opera largamente.

Hay, sin embargo, pequeñas desgracias, accidentes inesperados en la vida del parásito de la mesa.

Entra él en una casa donde espera almorzar holgadamente; - hace los primeros cumplimientos y va a dorarle la pílula a su querido huésped. Un cierto rechinar de dientes, entre tanto, empieza a agitarlo, un rechinar particular que indica un estado más calmo a los estômagos de la casa.

-Entonces, ¿cómo está? Siento que llegaras ahora; si hubieras venido más temprano, almorzabas conmigo.

El parásito queda boquiabierto; pero no hay más remedio; es necesario salir con decencia y no dar a entender la finalidad que lo llevó allí.

Estas eventualidades, estas pequeñas miserias, lejos de ser decepciones, son como el olor a pólvora enemiga para los soldados, un incentivo para la acción. Es una índole miserable la de ese cuerpo liviano en el que solo hay animalidad y estômago; pero, mientras tanto, es necesario aceptar esas criaturas tal como son – para que aceptemos la sociedad tal como es. ¿La sociedad no es un grupo en que una parte devora a la otra? Eterno antagonismo de las condiciones humanas.

El parásito de la mesa uniformiza el exterior con la importancia del huésped; un cargo elevado pide guantes de seda, y unos botines lustrados. A la mesa no hay nadie más atento; – y como un conviva alegre, adoba los guisados con puñados de sal más o menos sabrosos.

Es una retribución razonable – dar de comer al espíritu de quien da de comer al cuerpo.

Aquí no hay desaire, hay un intercambio que prueba que el parásito tiene susceptibilidades en alto grado.

Estos rasgos, más o menos exactos, más o menos distintos, dan aquí una pequeña idea del parásito de la mesa; pero esta variedad del tipo es absorbida por otras de una importancia más elevada. Aquí es el parásito del cuerpo, los otros son los del espíritu de la conciencia; – aquí son los epicureístas a costa ajena, los otros son las nulidades intelectuales que se prenden al primer cuadro de propiedades suculento que le vaya al encuentro.

Son tal vez imperceptibles estos lineamentos – y acusan la aceleración del pincel; pasemos a las otras variedades del tipo donde encontramos formas más amplias y prominentes más distintas.

II

El parásito literario tiene los mismos rasgos psicológicos que el anterior, pero no deja de tener una afinidad latente con el tendero literario. La única diferencia está en los fines, que los apartan leguas; aquél es por ventura más casto y no apunta al resultado pecuniario – que, parece, inspiró al tendero. Sea justicia.

La prensa es la mesa del parásito literario; se sienta a ella con toda la sin ceremonia; come y distribuye platos con la sangre fría más alemana del mundo – ante la paciencia pública – que vacila sobre sus ejes. Un amigo mío define perfectamente a ese curioso animal; lo llama Vieirita de la literatura. Vieirita, le recuerdo al lector, es aquel personaje que todos han visto en un drama nuestro.

De hecho, este parásito es un Vieirita sin sacar ni poner, cortesano de las letras, las cerca de cuidados, sin alcanzar el menor favor de las musas.

Las sigue por todas partes, aunque sin poder tocarlas. Solo no sube al monte sagrado porque es una excursión difícil, propia para pies más resistentes y voluntades más serias. Allí quedan ellos en pañales, soltando una orquesta de gemidos, hasta que el viejo caballo los viene a despedir con una amabilidad un tanto amarga en las patas.

Una coz es siempre una respuesta a sus súplicas... Represalia, digamos.

Eterna lei das compensações!

Entre nós o parasita literário é uma individualidade que se encontra a cada canto. É fácil verificá-lo. Pegais em um jornal; o que vedes de mais saliente? uma fila de parasitas que deitam sobre aquela mesa intelectual um chuvaireiro de prosa ou verso, sem dizer – água vai!

Verificai-o!

O jornal aqui não é propriedade, nem da redação nem do público, mas do parasita. Tem também o livro, mas o jornal é mais fácil de contê-los.

Às vezes o parasita associa-se e cria um jornal próprio.

Aqui é que não há de escapar-lhe.

Um jornal todo entregue ao parasita, isto é, um campo vasto todo entregue ao disparate! É o rei Sancho na sua ilha!

Ele pode parodiar o dito histórico *l'état c'est moi!* porque as quatro ou seis páginas, na verdade, são dele, todas dele. Ele pode gritar ali, ninguém lho impedirá, ninguém; uma vez que não ofenda a moral pública. A polícia pára onde começa o intelectual e o senso comum; não são crimes no código as ofensas a esses dois elementos da sociedade constituída.

Ora, sustentado assim pelos poderes, o parasita literário invade, como o Huno moderno, a Roma da intelectualidade, com a decência moral nos lábios, mas sem a decência intelectual.

Tem pois o jornal, próprio ou não próprio, onde pode sacudir-se a gosto, garantido pelas leis. Se desdenha o jornal tem ainda o livro.

O livro!

Tem ainda o livro, sim. Meia dúzia de folhas de papel dobradas, encadernadas, e numeradas é um livro; todos têm direito a esta operação simples, e o parasita por conseguinte.

Abrir esse livro e compulsá-lo, é que é heróico e digno de pasmo. O que há por aí, santo Deus! Se é um volume de versos, temos nada menos que uma coleção de *pensamentos* e de notas arranhadas laboriosamente em harpas selvagens como um tamoio. Se é prosa – temos um amontoado de frases descabeladas entre si, segundo a opinião do autor. É muitas vezes um drama, um romance misterioso, de que o leitor não entende pitada. Se eu quisesse ferir individualidades, tocar em suscetibilidades, desenrolaria aqui um sudário dessas invasões na literatura; mas o meu fim é o individuo, e não um individuo.

O parasita literário vai ainda aos teatros. Esta invenção de recitar nos teatros, tirada da antiguidade grega, que levanta um bardo em um festim, como nos mostra a *Odisséia*, abriu um precedente, e deu azo ao abuso. A autoridade, que é ainda a polícia, não indaga do mérito da obra, e quer apenas saber se há alguma coisa que fira a moral. Se não, pode invadir a paciência pública.

Todos os leitores estão de posse deste traço do parasita literário. As salas dos nossos teatros têm repercutido imensas vezes com esses arranhamentos de lira. Basta bater palmas de um camarote e ter alguns exemplares para distribuição; a plateia deve receber aquele aguaceiro intelectual.

O parasita está debaixo do código.

Ora, o que admira no meio de tudo isto, é que sendo o parasita literário o vampiro da paciência humana, e o primeiro inimigo nacional, acha leitores, – que digo? adeptos, simpatias, aplausos!

Há quem lhes faça crer que alguma coisa lhes rumina na cabeça como a André Chénier; eles, a quem já não faltava vontade de crer, aceitam, como princípio evidente, essa solução do impossível, que a parvoíce lhe dá de boa vontade.

Que gente!

Os tragos fisiológicos do parasita são especiais e característicos. Não podendo imitar os grandes homens pelo talento, copiam na postura e nas maneiras o que acham pelas gravuras e fotografias. Assumem um certo ar pedantesco, tomam um timbre dogmático nas palavras; e, ao contrário do fanqueiro, que tem a espinha dorsal mole e flexível, – ele não se curva nem se torce; a vaidade é o seu espartilho.

Mas, por compensação, há a modéstia nas palavras ou certo abatimento, que faz lembrar esse *ninguém elogiado* da comédia. Mas ainda assim vem a afetação; o parasita é o primeiro que esta cômico de que é alguma coisa, apesar da sinceridade com que procura pôr-se abaixo de zero.

¡Eterna ley de las compensaciones!

Entre nosotros el parásito literario es una individualidad que se encuentra a cada tanto. Es fácil verificarlo. Tomas un periódico; ¿qué ves de más destacado? Una fila de parásitos que echan sobre esa mesa intelectual una ducha de prosa o verso, sin decir - ¡Agua va!

¡Verifícalo!

El periódico en este caso no es propiedad de la redacción o del público, sino del parásito. Está también el libro, pero es más fácil que los contenga el periódico.

A veces el parásito forma una sociedad y crea un periódico.

Aquí no se le escapa.

Un periódico entero para el parásito, o sea, un campo vasto en manos del disparate. ¡Y el rey Sancho en su isla!

Desde allí, puede parodiar el histórico *l'état c'est moi!* porque las cuatro o seis páginas, en verdad, son de él, todas de él. Allí él puede gritar, nadie se lo impedirá, nadie; siempre que no ofenda la moral pública. Lo policial se detiene donde comienza lo intelectual y el sentido común; no son crímenes en el código las ofensas a esos dos elementos de la sociedad constituída.

Ahora, sostenido así por los poderes, el parásito literario invade, como huno moderno, la Roma de la intelectualidad, con la decencia moral en los labios, pero sin la decencia intelectual.

Tiene pues el periódico, propio o no, donde puede sacudirse a gusto, con las garantías de la ley. Si desdeña el periódico, tiene aún el libro.

¡El libro!

Tiene todavía el libro, sí. Media docena de hojas de papel dobladas, encuadernadas, y enumeradas es un libro; todos tienen derecho a esa operación simple, y el parásito por consiguiente.

Abrir ese libro y manosearlo es algo heroico y digno de pasmo. ¡Lo que hay por ahí, santo Dios! Si es un volumen de versos, tenemos nada menos que una colección de pensamientos y de notas rasguñadas laboriosamente en arpas salvajes como un *tamoio*. Si es prosa – tenemos un montón de fases descabeladas entre sí, según la opinión del autor. Es muchas veces un drama, un romance misterioso, y el lector no entiende ni una pizca. Si yo quisiera herir individualidades, tocar susceptibilidades, largaría aquí un sudario de esas invasiones a la literatura; mi finalidad, sin embargo, es el individuo y no un individuo.

El parásito literario encima va a los teatros. Esta invención de recitar en los teatros, sacada de la antigüedad griega, que levanta un bardo en un festín, como nos muestra la Odisea, abrió un precedente que dio rienda suelta al abuso. La autoridad, que recae aún sobre la policía, no discute el mérito de la obra, y apenas quiere saber si hay alguna cosa que hiera la moral. Si no, puede invadir la paciencia pública.

Todos los lectores están en poder de este pedazo de parasito literario. Las salas de nuestros teatros han repercutido inúmeras veces esos rasguños de lira. Basta aplaudir desde un palco y tener algunos ejemplares para distribución; la platea debe recibir ese aguacero intelectual.

El parásito está por debajo del código.

Ahora, lo que admira en medio a todo eso, es que siendo el parásito literario el vampiro de la paciencia humana, el primer enemigo nacional, encuentra lectores, – ¿qué digo? ¡adepptos, simpatías, aplausos!

Hay quien les haga creer que alguna cosa les rumia en la cabeza como a André Chénier; ellos, a quienes ya no les faltaban ganas de creer, aceptan como principio evidente, esa solución para lo imposible, que los párvulos le dan de buena gana.

¡Qué gente!

Los trazos fisiológicos del parásito son especiales y característicos. No pudiendo imitar a los grandes hombres por el talento, copian en la postura y en las maneras lo que ven en los grabados y fotografías. Asumen un cierto aire pedantesco, le dan un timbre dogmático a las palabras; y, al contrario del tendero, que tiene la espinha dorsal blanda y flexible, – él no se curva ni se tuerce; la vanidad es su espartillo.

Sin embargo, por compensación, está la modestia en las palabras o cierto abatimento, que recuerda a ese don nadie elogiado de la comédia. Pero aún así viene la afectación; el parásito es el primero que tiene consciencia de que es alguna cosa, a pesar de la sinceridad con que busca ponerse bajo cero.

Pobre gente!

Podiam ser homens de bem, fazer alguma coisa para a sociedade, honrar a musa nacional, contendo-se na sua esfera própria; mas nada, saem uma noite da sua nulidade e vão por aí matando a ferro frio...

É que têm o evangelho diante dos olhos...

Bem-aventurados os pobres de espírito.

O parasita ramifica-se e enrosca-se ainda por todas as vértebras da sociedade. Entra na Igreja, na política e na diplomacia; há laivos dele por toda a parte.

Na Igreja, sob o pretexto do dogma, estabelece a especulação contra a piedade dos incautos, e das turbas. Transforma o altar em balcão e a âmbula em balança. Regala-se à custa de crenças e superstições, de dogmas ou preconceitos, e lá vai passando uma vida de rosas.

A história é uma larga tela dessas torpezas cometidas à sombra do culto.

O parasita da Igreja, toda a Idade Média o viu, transformado em papa vendeu as absolvições, mercadejou as concessões, lavrou as bulas. Mediante o ouro, aplanou as dificuldades do matrimônio quando existiam; depois levantou a abstinência alimentar, quando o crente lhe dava em troca uma bolsa.

É um desmoroamento social. O parasita teve uma famosa idéia em embrenhar-se pela Igreja. A dignidade sacerdotal é uma capa magnífica para a estupidez, que toma o altar como um canal de absorver ouro e regalias.

Assim colocado no centro da sociedade, desmoraliza a Igreja, polui a fé, rasga as crenças do povo. Entra, todos o consentem, no centro das famílias, sem haver sacudido o pó das torpezas que lhe nodoa as sandálias. Dominou imoralmente as massas, os espíritos fracos, as consciências virgens.

Esta transformação do parasita não tende por ora a desaparecer; a fogueira de J. Huss não queimou só o grande apóstolo, devorou também o vestíbulo desse edifício de miséria levantado por uma turba de parasitas, parasita da fé, da moralidade e do futuro.

Em política, galga, não sei como, as escadas do poder, tomando uma opinião ao grado das circunstâncias, deixando-a ao paladar das situações, como uma verdadeira maromba de arlequim. Entra no parlamento com a frente levantada, votado pela fraude, e escolhido pelo escândalo.

Exíguo de luz intelectual, – toma lá o seu assento e trata de palpar para apoiar as maiorias. Não pensa mal: quem a boa árvore se encosta...

Alguns sobem assim; e todos os povos têm sentido mais ou menos o peso do domínio desses boêmios de ontem.

Deixá-los subir às mesas supremas do festim público. Mas tenham cuidado na solidez das cadeiras em que se sentarem.

Na diplomacia, é mais fácil o ingresso ao parasita. Encarta-se aí em qualquer legação ou embaixada, e vai saltitar em Paris ou em Viena. Lá representam tristemente a pátria que os viu nascer, na massa coletiva da embaixada ou da legação. O que faz de melhor, esse *parvenu* sem gosto, é brilhar na arte das roupas, como corifeu da moda que é. Já é muito.

Podia, se não temesse fatigar, fazer uma enumeração mais longa das famílias de parasitas que irradiam destas espécies cardeais. Seria, entretanto, uma longa história que demandaria mais largo espaço; e não caberia nestas ligeiras aquarelas.

O parasita é tão antigo, creio eu, como o mundo, ou pelo menos quase.

Em economia política é um elemento para estacionar o enriquecimento social; consumidor que não produz, e que faz exatamente a mesma figura que um zangão na república das abelhas.

Extinguir o parasita não é uma operação de dias, mas um trabalho de séculos. Os meios não os darei aqui. Reproduzo, não moralizo.

¡Pobre gente!

Podrían ser hombres de bien, hacer alguna cosa para la sociedad, honrar a la musa nacional, conteniéndose en su esfera propia; pero no, salen na noche de su nulidad y van matando a hierro frío...

Es que tienen al evangelio ante los ojos...

Bienaventurados los pobres de espíritu.

El parásito se ramifica y se enrosca todavía por todas las vértebras de la sociedad. Entra en la Iglesia, en la política, en la diplomacia; están sus marcas por todas partes.

En la Iglesia, con el pretexto del dogma, establece la especulación contra la piedad de los incautos, y de las turbas. Transforma el altar en mostrador y la crismera en balanza. Se regocija, a costas de creencias y supersticiones, de dogmas o prejuicios, y así va pasando una vida de rosas.

La historia es una larga fila de esas torpezas cometidas a la sombra del culto.

Al parásito de la Iglesia, toda la Edad Media lo vio, transformado en Papa vendió las absoluciones, mercadeó las concesiones, labró las bulas. Por el oro, zanjó las dificultades del matrimonio cuando existían; después levantó la abstinencia alimentaria, cuando el creyente le daba a cambio una bolsa.

Es un desmoroamiento social. El parásito tuvo una excelente idea al entrafñarse con la Iglesia. La dignidad sacerdotal es una capa magnífica para la estupidez, que toma el altar como un canal para absorber oro y regalias.

Así puesto, en el centro de a sociedad, desmoraliza a la Iglesia, poluciona la fe, rasga las creencias del pueblo. Entra, todos lo consienten, en el centro de las familias, sin haberse sacudido el polvo de las torpezas que le manchan las sandalias. Dominó imoralmente a las masas, los espíritus débiles, las consciencias vírgenes.

Esta transformación del parásito no tiende por ahora a desaparecer, la hoguera de J. Huss no quemó solo un gran apóstolo, devoró también el vestíbulo de ese edificio de miseria levantado por una turba de parásitos, parásitos de la fe, de la moralidad y del futuro.

En política, trepa, no sé cómo, los escalones del poder, emitiendo opiniones a la altura de las circunstancias, entregándolas al paladar de las situaciones, como una verdadera vara de equilibrista. Entra al parlamento con la frente alta, votado por el fraude, y escogido por el escándalo.

Exiguo de luz intelectual, – ocupa su asiento y trata de captar como apoyar a las mayorías. No piensa mal: quien a buen árbol se arrima...

Algunos suben así; y todos los pueblos han sentido más o menos el peso del dominio de esos bohemios de ayer.

Dejadlos subir a las mesas supremas del festín público. Per que tengan cuidado con la solidez de las sillas que ocupen.

En la diplomacia, el ingreso del parásito es más fácil. Se anota en cualquier delegación o embajada, y va a brincar a París o a Viena. Allí, representan tristemente la patria que los vio nacer, en la masa colectiva de la embajada o de la delegación. Lo que mejor hace, ese *parvenu* sin gusto, es brillar en el arte del vestido, como corifeo de la moda que es. Ya es mucho.

Podría, si no temiera cansar, hacer una enumeración más larga de las familias de parásitos que irradian de estas especies fundamentales. Sería, entre tanto, una larga historia que demandaría más largo espacio; y no cabría en estas ligeras aquarelas.

El parásito es tan antiguo, creo yo, como el mundo, o por lo menos casi.

En economía política es un elemento para estacionar el enriquecimiento social; consumidor que no produce, y que ejecuta exactamente el mismo papel que un zángano en la república de las abejas.

Extinguir al parásito no es una operación de días, sino un trabajo de siglos. Los medios, no los diré aquí. Reproduzco, no moralizo.